

5. Nepal

Cedo pela manhã fui para a paragem de camionetas, para meu desespero havia muito mais gente do que no dia anterior, e ao segundo, havia mais gente para entrar. O motorista e os seus ajudantes estavam no tejadilho, a atar as mochilas.

Com um sorriso, perguntei:

-Posso ir no tejadilho?

-Sim mas é por tua conta e risco. Respondeu o motorista, depois de me dar um olhar desconfiado.

Um outro rapaz, deu um sorriso ao motorista, e mesmo sem perguntar o motorista respondeu:

-Por tua conta e risco.

Todos os outros viajantes olharam para nós com se fossemos estúpidos, um ou outro, ainda disse - São 12 ou 13 horas de viagem, têm a certeza que querem ir aí?

- Pelo menos aqui posso respirar e mover-me livremente, além disso posso apreciar a paisagem muito melhor - Respondi.

Rapidamente começámos a arranjar espaço para nos deitar ou sentar, como katmandu está a uma altura de 1000m também tirei o saco de casa em caso de ficar frio. Ali no topo daquela velha camioneta, entranhado entre sacos, passando aos pés de enormes montanhas, serpenteando ao longo de poderosos rios, senti aquela felicidade, aquele sentimento de completa concretização. O mesmo sentimento que tinha sentido em Barcelona, quando sem comida, sem dinheiro e sem documentos, o meu coração parecia explodir de felicidade. Era como se o meu coração quisesse mostrar-me, que eu era livre de seguir o meu destino. Às portas de katmandu, tivemos de ir para dentro.

Havia postos militares a mandarem parar tudo e todos para ver se transportavam algo de ilegal, a instabilidade no país era bem conhecida de todos, com as televisões internacionais a mostrarem imagens de violência e desordem no país. Várias bombas tinham explodido no centro de katmandu, e fora das grandes cidades, lutas entre as forças governamentais e guerrilheiros era constante. Apesar de tudo isso, katmandu tinha um grande número de turistas para um país nessas condições, talvez porque a violência nunca tinha atingido turistas. Foi com alguma surpresa que descobri que Nepal, apesar de ser economicamente mais fraco do que a Índia, tinha um ar muito mais ocidental. As pessoas nas ruas, em especial os jovens, tinham roupas de estilo europeu. Havia lojas por toda a parte, bares e restaurantes, muitos com música ao vivo.

Fiquei alojado num pequeno quarto, o qual dividi com o rapaz que vinha no tejadilho da camioneta comigo. Ficava no centro da cidade e cada um pagou 2\$ por noite. Apesar do seu lado moderno, não havia dúvida acerca do grandioso passado deste país, para o mostrar bastava ir a temple square, onde edifícios com mais de mil anos de idade se erguiam para orgulho do seu povo. Ainda nós europeus vivíamos em cavernas já muitos países asiáticos erguiam cidades e impérios.

Desde Varanassi que tinha ouvido alguns viajantes falarem em fazer um treking nos Himalaias, alguns tinham passado meses e mesmo anos a planearem essa aventura. Dessas conversas nasceu um sonho, agora o meu coração pedia que o realizasse. O problema era que eu nunca tinha feito um treking, nem sabia o verdadeiro sentido da palavra para dizer a verdade. Além disso, não tinha roupa nem equipamento para subir montanhas. Mas eu tinha aprendido a ouvir a voz do meu coração e sem tentar não sabia se conseguia. Comecei por tratar dos papéis necessários, enquanto esperava tentei organizar-me o melhor que podia. Em primeiro lugar comprei uma mochila mais pequena, para levar só o que necessitava para a montanha. Era do tamanho duma mochila de levar para a escola, com péssimos acabamentos, era cor de laranja e preta e muito feia, mas foi a mais barata que consegui arranjar. Comprei também umas luvas, que por serem cor-

de-rosa vivo estavam em promoção, e por fim um gorro e um mapa.

No dia seguinte parti, o autocarro estava cheio como de costume, mais uma vez fui para o tejadilho. A viagem foi longa com paragens consecutivas. Quanto mais o tempo passava pior eram as estradas, até essas se transformarem em lamaçais, onde os condutores lutavam para não ficar atolados. A uma certa altura vimos uma outra camioneta que viajava à nossa frente, havia tanta gente dentro e sobre ela que não havia maneira de subir a montanha que se deparava à sua frente. A estrada era demasiado pequena para que a camioneta onde eu viajava pudesse passar, depois de algum tempo de discussão os condutores concluíram que algumas pessoas da camioneta da frente tinham de passar para aquela em que eu viajava. Cerca de 20 pessoas passaram para o tejadilho fazendo da camioneta já cheia, super lotada. Depois de algumas tentativas falhadas lá seguimos a um passo vagaroso até Jiri.

Jiri era o ponto de partida para o treking, a ideia era ir daqui até Everest base camp, seriam 25 dias nas montanhas se tudo corresse bem. Em Jiri conheci outras pessoas que iriam fazer o mesmo que eu, todas elas estavam muito impressionadas com a minha falta de preparação e nenhuma acreditava que pudesse fazer esse treking, mas eu acreditava.

No outro dia saí mais cedo que todos os outros, tinha passado uma hora quando a alça da minha mochila se rompeu, duas horas depois encontrei a primeira vila, só para vir a saber que estava a andar no sentido errado. No entanto um dos locais ofereceu-se para arranjar a alça da mochila.